



Feira realizada em Tefé estimula compra de produtos sustentáveis

Peixe manejado e frutas e verduras produzidas sem agrotóxicos. Estes foram alguns dos produtos sustentáveis comercializados diretamente aos moradores de Tefé e região, no estado do Amazonas, durante a 6ª Feira de Pirarucu Manejado e Produtos Agroecológicos, realizada entre os dias 14 e 15 de outubro. O evento é promovido desde 2007 e organizado pelas colônias que integram o Acordo de Pesca do Pantaleão e agricultores da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã.

De acordo com Valter Luis Ferreira de Araújo, membro da Colônia de Pescadores Z-4, de Tefé, 110 pirarucus foram comercializados, totalizando aproximadamente 5 toneladas. “A feira também é uma oportunidade para aqueles que não conhecem o nosso trabalho, aprender sobre a pesca manejada e sua importância para o meio ambiente. As pessoas tiram suas dúvidas sobre o processo e percebem que a iniciativa dá certo”, disse Araújo.

É o que constatou Alcides Pereira Vidal, morador de Tefé há 20 anos, que sempre prestigia as edições da feira: “Eu faço questão de adquirir os produtos. É bom perceber que o pirarucu, quando manejado, não agride o meio ambiente e esta forma de produção tem ajudado a preservar o peixe. Assim, nunca vai faltar”.

Já o agricultor Jesuy Tavares, da Reserva Amanã, disse que a exposição na feira é uma oportunidade para estimular as pessoas a adquirirem produtos agroecológicos. “Aqui nós explicamos sobre o processo de produção e porque este é um produto um pouco mais caro que os convencionais, que priorizam a produção em grande quantidade. Com isso, utilizam agrotóxicos para matar as pragas que, na agroecologia, são combatidas com técnicas naturais”, afirmou analisando que a agricultura tem melhorado, nos últimos anos, com as técnicas produtivas disseminadas pelo Instituto. O evento foi promovido em parceria com os programas de Agricultura Familiar e Manejo de Pesca, do Instituto Mamirauá, e apoio do Ibama e da 16ª Brigada de Infantaria de Selva.



Cerca de 400 pessoas participaram da feira.
Fotos: Rinéias Farias



Um estudo, que analisou três empreendimentos de manejo florestal comunitário na Amazônia – dois no Amazonas e um no Pará –, mostrou que eles podem ser viáveis economicamente. As informações foram apresentadas em palestra da especialista Shoana Humphries em setembro, no Serviço Florestal Brasileiro. Shoana analisou os casos do Projeto Ambé, na Floresta Nacional do Tapajós, da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e da Associação Comunitária, Agrícola e de Extratores de Produtos da Floresta (ACAF). O manejo analisado na Reserva Mamirauá apontou uma área anual de 18 hectares, que também obteve retorno acima dos custos. A comercialização de madeira em tora e beneficiada gerou uma remuneração para os trabalhadores 5% maior que o salário mínimo. Os comunitários não usam máquinas para arrastar as toras. Com informações do Serviço Florestal Brasileiro.

Escritório em Manaus

O Instituto Mamirauá inaugurou um escritório de representação em Manaus, estado do Amazonas, em outubro. De acordo com a Diretora Administrativa, Selma Santos de Freitas, a abertura do escritório tem o intuito de apoiar a sede do Mamirauá, que fica em Tefé, na promoção da pesquisa científica para a conservação da biodiversidade amazônica. O novo espaço também irá facilitar o relacionamento com as instituições parceiras do Instituto Mamirauá naquela capital e em outras partes do Brasil. O escritório fica na Rua Salvador, 120 – sala 407 – Edifício Vieiralves Business Center, bairro Andrianópolis. O telefone é (92) 3584-4475 e o expediente em horário comercial.

Novo site Mamirauá

O Instituto Mamirauá lançou em outubro sua nova página na internet. A nova proposta agregou os mais modernos recursos de acessibilidade, tecnologia, design e conteúdo. Confira em www.mamiraua.org.br

O Instituto Mamirauá realizou, em Tefé, estado do Amazonas, a 8ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia promovida simultaneamente por mais de 600 instituições brasileiras, sob a coordenação do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. A realização da semana teve o objetivo de mobilizar a população, em especial crianças e jovens, em torno de temas e atividades de ciência e tecnologia. Segundo Josivaldo Modesto, do Instituto Mamirauá, cerca de 600 pessoas estiveram na instituição que realizou o evento de 17 a 19 de outubro. A semana, que se estendeu até sexta-feira no país, teve continuidade em Tefé no Centro de Estudos Superior da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), de 20 a 21.

Para o professor de geografia, que foi bolsista do Instituto Mamirauá, Manuel Medina Oliveira, os alunos têm a oportunidade de conhecer as pesquisas desenvolvidas pelo Mamirauá passando a pensar sobre como esse conhecimento científico pode auxiliá-los nas suas atividades escolares. “Isso também ajuda a despertar em alguns estudantes o desejo pela prática da ciência”, afirmou o professor que participou de umas das visitas guiadas à Biblioteca Henry Walter Bates.

Enquanto isso, o estudante Caio Nascimento assistiu a palestra da pesquisadora Bárbara Richers intitulada “Como as mudanças climáticas afetam a Amazônia”. Ao final da palestra, Caio quis saber mais sobre as espécies que já foram extintas e o degelo das geleiras. Richers falou sobre as consequências dessas mudanças e, entre elas, as que são mais sentidas pelos pequenos tefeenses: a ocorrência mais frequente de grandes cheias e secas. No caso das secas, há influência direta na vida dos moradores da região, pois há dificuldades de abastecimento de água de alimento e outros itens de necessidade básica.



Estudantes aproveitaram para praticar algumas atividades desenvolvidas pelos pesquisadores do Instituto Mamirauá.
Foto: Eunice Venturi

Balanço da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2011, no Instituto Mamirauá

Público presente: 600 pessoas

Atividades: cubo mágico das mudanças climáticas, experimento global pH do Planeta para professores de Tefé, atividade lúdico-pedagógica sobre os peixes da Amazônia e jogo das mudanças climáticas.

Palestras: 4, sendo “Como a dinâmica de cheias e vazantes interfere no ciclo da vida e na colonização das plantas”, por Auristela Conserva; “Como as mudanças climáticas afetam a Amazônia”, por Bárbara Richers; “O sensoriamento remoto e suas aplicações científicas”, por Josivaldo Modesto; “Os malefícios do uso de agroquímicos para o homem e para o ambiente”, por Rinéias Cunha e “A várzea nas mudanças climáticas”, por Sandro Augusto Rigatieri.

Exposições: banner “Análise de água em localidades da Reserva Mamirauá”, acervo entomológico, maquete de ninhos de quelônios, maquete de tecnologias sustentáveis, material biológico, maquete de manejo florestal, exposição de peixes taxidermizados, exibição de vídeos e filmes sobre “A várzea, o pasto e o lixo: grupos humanos e suas diferentes formas de inter-ação com o espaço”.

Lançamentos: 2 cartilhas, 1 vídeo, site do Instituto Mamirauá e do Projeto Aquavert.

Manejo florestal comunitário agora em cartilha e vídeo

O Programa de Manejo Florestal Comunitário do Instituto Mamirauá lançou a cartilha e o vídeo “Manejo Florestal Comunitário na Várzea da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá”, no dia 19 de outubro. A publicação é uma realização da Sociedade Civil Mamirauá, com patrocínio da ExxonMobil e Usaid do Povo dos Estados Unidos. Segundo Elenice Assis, coordenadora do programa, o objetivo da cartilha é informar e esclarecer dúvidas sobre o funcionamento do manejo florestal na Reserva Mamirauá. A cartilha foi produzida para atender ao público de manejadores florestais, compradores de madeira e a sociedade em geral. “Nós queremos que eles compreendam o processo de manejo da floresta, as normas para comercialização de madeira, os planos de manejo e a importância de manejar a madeira”, afirmou.

A cartilha aborda aspectos gerais da Reserva Mamirauá e oferece um breve histórico do manejo florestal nesta unidade de conservação. Em seguida, apresenta um resumo da legislação florestal, explica porque fazer manejo e seus benefícios. Por fim, demonstra as etapas do manejo florestal que inclui zoneamento da área e manejo participativo, princípios do manejo, levantamento de estoque e seleção de árvores para corte, licenciamento ambiental, exploração florestal de impacto reduzido, comercialização, cubagem ou medição da madeira, exigências legais para comercialização de madeira, quem pode comprar e documentos necessários para manejador e comprador.

Para baixar a cartilha impressa, acesse
<http://www.mamiraua.org.br/publicacoes/cartilhas/2011>



Fotos: Eunice Venturi

Amazonense, bióloga, educadora ambiental, sonhadora. Elizabeth Gama é dessas pessoas que sonham com um mundo justo e ela nem chega a acreditar que isso seja uma utopia, ao contrário. Em entrevista ao “O Macaqueiro”, afirmou que o educador ambiental precisa acreditar e viver seus discursos e alertar os desrespeitos ao meio ambiente. Aos 68 anos, ela que atualmente mora em Manaus, esteve em Tefé, sua cidade natal, para o lançamento das cartilhas “Peixes da Amazônia”, série de publicações educativas que organizou por meio da Sociedade Civil Mamirauá, com apoio do Instituto Mamirauá, e patrocinada pela ExxonMobil. O lançamento oficial ocorreu no dia 19 de outubro, na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, promovida pelo Instituto Mamirauá.

Você é uma referência em educação ambiental (EA) na região do Médio Solimões. Desde quando você trabalha e estuda nessa área?

Desde 1976. Só que nesta época a EA se chamava ecologia. Eu trabalhava nos ensinos fundamental e médio, lecionando ecologia. Nós ensinávamos essa parte da Ecologia, e havia uma preocupação central com os problemas ambientais, com os resíduos de beira de praia, fazíamos limpeza na praia. Eu era uma voz no deserto, nem se falava em Educação Ambiental. Essa mudança foi muito lenta no Brasil, mas aqui chegou com toda força com a criação do Mamirauá.

A partir desse histórico, de transformação e criação da EA, como você a define?

Há vários conceitos de EA. Mas a gente trabalhou oficialmente com aquele da Agenda 21, em que a EA é interdisciplinar e multidisciplinar porque ela permeia todos os ramos do conhecimento e dentro dos aspectos social, político, cultural e religioso.

Quando você fala que o educador ambiental tem que ser um sonhador, qual seria o seu maior sonho?

O meu maior sonho é viver em um mundo justo, que seja equitativo. E eu acredito que a educação seja o ponto básico para o desenvolvimento de uma sociedade. Quando cidadão é educado, ele procura ter uma saúde melhor, ele não é uma pessoa violenta, ele respeita a natureza, ele respeita a capacidade de suporte do planeta, dos ecossistemas, e a ganância fica para trás. E a EA nada mais é do que estimular pessoas educadas no mundo. Quem é educado de verdade nem precisa fazer curso de EA, porque por mais que ele não saiba que o lixo polui a rua, mas sabe que é falta de educação jogar o lixo em qualquer lugar.

Como surgiu a proposta das cartilhas “Peixes da Amazônia”?

Nós observamos que podíamos aliar conteúdo regional com a conservação do meio ambiente. Então, nós estudamos algumas referências e propostas bem sucedidas e foi feito um diagnóstico de problemas e potencialidades. Depois identificou-se quais temas poderiam ser trabalhados e começamos a encontrar, dentro deles, questões que podem ser desenvolvidas dentro da história, da geografia, da ciência, da matemática, da língua portuguesa, das artes e dos temas transversais. Acrescenta-se aí a diversidade cultural, a pluralidade cultural e a ética, pois o comportamento ecológico é um tipo de ética.

Uma próxima etapa foi levar a proposta para os professores, que participaram ativamente do processo. Por último, nós produzimos o material a partir de objetivos construídos coletivamente como a divulgação do potencial pesqueiro da região, esclarecendo sobre as regras do manejo de pesca, e estimulando os professores a produzir seu próprio material.

A cartilha é muito bem aceita pelos professores e alunos. O que contribuiu para essa boa aceitação?

Eu acredito que era uma coisa nova para eles porque não existe nenhum material produzido específico para a região do Médio Solimões. Nós fizemos algo bem especificado em torno do tema peixes. Além disso, eu acredito que muitas coisas servem de estudo até para os próprios professores. É uma oportunidade de aprendizado para eles também. E os alunos, principalmente os urbanos, não sabem distinguir um peixe do outro, não sabem distinguir o pacu de uma pirapitinga pequena, uma curimatã de um jaraqui.

A série de cartilhas “Peixes da Amazônia” está disponível para download no endereço <http://www.mamiraua.org.br/publicacoes/cientificas/2010/livros>

Expediente – O Macaqueiro é uma publicação do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, organização social e unidade de pesquisa fomentada e supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Distribuição gratuita. Conselho Editorial: Alan Mota, Augusto Rodrigues, Bárbara Richers, Dávila Corrêa, Elenice Assis, Ellen Amaral, Eunice Venturi, Francisco M. de Freitas Jr., Helder Queiroz, Isabel Sousa, João Valsecchi, Joycimara Sousa, Josivaldo Modesto, Marco Lopes, Marluce Mendonça, Nelissa Peralta, Nizete Campelo, Paula Castro, Paulo Roberto e Souza, Rodrigo Ozório e Selma Freitas. Jornalista responsável: Eunice Venturi (SC01964-JP). Textos: Eunice Venturi. Projeto gráfico: Ilha Tecnologia. Impressão: Gráfica Ampla. Tiragem: 1.000 exemplares. Contatos: Estrada do Bexiga, 2.584 Cx. Postal 38 – 69470-000 Tefé (AM) – ascom@mamiraua.org.br – tel.+55 (97) 3343-4672, Ramal 278.